










Transtornos mentais comuns e adaptação ao ensino remoto em acadêmicos de saúde na pandemia COVID-19

Common mental disorders and adaptation to remote learning in health academics in the COVID-19 pandemic

Trastornos mentales comunes y adaptación al aprendizaje a distancia en académicos de la salud en la pandemia del COVID-19

Mara Dantas Pereira¹  ; Míria Dantas Pereira²  ; Marianna Rodrigues Marques Dourado³  ; Gabriel Pedro Gonçalves Lopes⁴  ; Horley Soares Britto Neto⁵  ; Cleberson Franclin Tavares Costa⁶  ; Estélio Henrique Martin Dantas⁷ 

RESUMO

A pandemia da doença de coronavírus (COVID-19) ocasionou a obrigatoriedade de virtualização da ação das instituições de ensino superior, o que ocasionou a instauração do ensino remoto. Em decorrência deste cenário atípico, as repentinas alterações exigiram adaptação imediata e compulsória por parte dos estudantes universitários, podendo predispor os futuros profissionais da área da saúde ao adoecimento mental. O presente artigo objetivou avaliar a prevalência de transtornos mentais comuns em acadêmicos da área da saúde e os indicadores de adaptação ao ensino remoto durante a pandemia da COVID-19. Como parte do método, realizou-se uma pesquisa transversal, com caráter exploratório e descritivo, com 211 acadêmicos (\bar{X} = 24,4 ± 6,8 anos) da área de saúde. Os achados revelam que os estudantes de Psicologia (45,9%) e Medicina (15,8%) apresentaram maiores níveis de transtornos mentais comuns em comparativo com os alunos das outras áreas, sendo ainda significativamente maior no sexo feminino (78,1%). Os resultados demonstram que é necessário implementar projetos e ações voltadas para promoção de saúde mental nesses acadêmicos.

Palavras-chave: Educação Superior; Estudantes Universitários; Ensino Remoto; Saúde Mental.

ABSTRACT

The pandemic of the coronavirus disease (COVID-19) caused the obligatory virtualization of the action of higher education institutions, which led to the establishment of remote education. As a result of this atypical scenario, the sudden changes required immediate and compulsory adaptation by university students, which may

¹ Graduada em Psicologia e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão/SE - Brasil. E-mail: maradantaspereira@gmail.com

² Graduada em Farmácia e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão/SE - Brasil. E-mail: miriadantaspereira@gmail.com

³ Graduanda em Medicina da Universidade Tiradentes (UNIT), Aracaju/SE - Brasil. E-mail: mariannadourado@hotmail.com

⁴ Graduando em Medicina da Universidade Tiradentes (UNIT), Aracaju/SE - Brasil. E-mail: gabriel.pglopes@gmail.com

⁵ Graduando em Medicina da Universidade Tiradentes (UNIT), Aracaju/SE - Brasil. E-mail: horleyneto2@gmail.com

⁶ Mestre e Doutor em Saúde e Ambiente e Professor do departamento de Psicologia da Universidade Tiradentes (UNIT), Aracaju/SE - Brasil. E-mail: cleberson.franclin@souunit.com.br

⁷ Doutor em Educação Física e Docente do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Saúde e Ambiente da Universidade Tiradentes (PSA/UNIT), Aracaju/SE - Brasil. E-mail: estelio@pesquisador.cnpq.br

predispose future health professionals to mental illness. The present article aimed to evaluate the prevalence of common mental disorders in health area undergraduates and the indicators of adaptation to remote teaching during the pandemic of COVID-19. As part of the method, a cross-sectional, exploratory and descriptive survey was conducted with 211 health care academics ($\bar{x} = 24.4 \pm 6.8$ years). The findings reveal that Psychology (45.9%) and Medicine (15.8%) students presented higher levels of common mental disorders when compared to students from other areas, being even significantly higher in females (78.1%). The results demonstrate that it is necessary to implement projects and actions aimed at promoting mental health in these students.

Keywords: Higher Education; University Students; Remote Learning; Mental Health.

RESUMEN

La pandemia de la enfermedad del coronavirus (COVID-19) provocó la virtualización obligatoria de la acción de las instituciones de enseñanza superior, lo que condujo al establecimiento de la enseñanza a distancia. Como resultado de este escenario atípico, los cambios repentinos exigieron una adaptación inmediata y obligatoria por parte de los estudiantes universitarios, lo que puede predisponer a los futuros profesionales de la salud a padecer enfermedades mentales. El presente artículo tuvo como objetivo evaluar la prevalencia de trastornos mentales comunes en estudiantes de pregrado del área de la salud y los indicadores de adaptación a la enseñanza a distancia durante la pandemia del COVID-19. Como parte del método, se realizó una encuesta transversal, con carácter exploratorio y descriptivo, con 211 académicos ($\bar{x} = 24,4 \pm 6,8$ años) del área de salud. Los resultados revelan que los estudiantes de Psicología (45,9%) y Medicina (15,8%) presentan niveles más altos de trastornos mentales comunes en comparación con los estudiantes de otras áreas, siendo aún significativamente mayor en las mujeres (78,1%). Los resultados demuestran que es necesario poner en marcha proyectos y acciones dirigidas a promover la salud mental de estos alumnos.

Palabras clave: Educación superior; estudiantes universitarios; aprendizaje a distancia; salud mental.

1. INTRODUÇÃO

A pandemia declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020, foi gerada pela disseminação mundial de um novo vírus da família dos Coronavírus, nomeado como Coronavírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave 2 [SARS-CoV-2, do inglês *severe acute respiratory syndrome coronavirus 2*] (PEREIRA et al., 2020). O referido vírus causa uma doença que ficou internacionalmente conhecida como Doença de Coronavírus 2019 (COVID-19, do inglês *coronavirus disease*), cujo primeiro surto foi identificado em Wuhan, na China, em 01 de dezembro de 2019 (NETA et al., 2020).

A partir de então, as fronteiras de diversos países passaram a ser fechadas buscando reduzir a velocidade da propagação da COVID-19 e ampliar o tempo para a organização das estruturas de atendimento em saúde. No Brasil, os primeiros casos foram notificados em fevereiro do mesmo ano, forçando as autoridades dos estados, municípios e governo federal a adotarem as recomendações da OMS. Tais orientações envolvem o Isolamento Social (IS) e o tratamento, quando necessário, dos casos positivos identificados, a aplicação de testes massivos e o distanciamento social, como modo de oferecer tempo de resposta do sistema público de saúde dos países em relação à uma possível demanda acentuada de atendimentos (BRASIL, 2020).

Diante desse contexto pandêmico, diversas repercussões na área de Educação têm ocorrido, por conta do fechamento das Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e privadas (NUNES, 2021). Há que se considerar que uma grande parte dos acadêmicos, mora de aluguel, longe da família, com bolsa de estudo limitada e, nas etapas finais, faltando apenas alguns procedimentos, como as aulas práticas e a elaboração da monografia, para estudantes da graduação da área da Saúde (SCHMIDT

et al., 2020). Essas e outras atividades foram canceladas e sem tempo determinado para o retorno (GUNDIM et al., 2021). Dessa maneira, foram suspensas as atividades presenciais, passando as aulas a serem ministradas de forma remota (GUIMARÃES; MAUÉS, 2021).

Neste novo cenário notou-se que desde o início do ano de 2020, os profissionais e estudantes das IES, encontram-se em uma corrida para ajustarem suas ações à nova realidade que se configurou, a fim de não comprometer o tempo de estudo. Diante da permanência das recomendações de IS, a instauração do Ensino Remoto (ER) foi a estratégia empregada pelas instituições para minimizar as lacunas deixadas no ensino no Brasil (SILVA et al., 2021). Assim, os autores ressaltaram que as IES de todo o país estão enfrentando o grande desafio de garantir a aprendizagem dos seus estudantes em tempos de IS e fechamento das universidades ou faculdades por conta da pandemia da COVID-19.

Conceitualmente, o ER surge a partir de uma adaptação curricular temporária como alternativa para que ocorram as atividades acadêmicas associadas às diversas disciplinas dos cursos, devido às circunstâncias de crise; a mesma engloba o uso de soluções de ensino totalmente remotas, que de outra forma seriam ministradas presencialmente, ou de modo híbrido que retornariam ao formato presencial assim que a crise arrefecer (VALENTE et al., 2020).

Além disso, a interrupção de aulas em algumas IES criou um clima de insatisfação e de frustração, porque as medidas de IS impostas à população geral de modo inesperado resultaram em uma reorganização social abrupta, logo, uma das diversas repercussões mostra-se refletida na saúde mental dos acadêmicos (GUNDIM et al., 2021). Em decorrência do cenário atípico, as repentinas alterações exigiram adaptação imediata e compulsória por parte dos estudantes universitários, podendo predispor os futuros profissionais da área da saúde ao adoecimento mental.

Os pesquisadores portugueses Maia e Dias (2020) evidenciaram que os estudantes que integraram o estudo no período pandêmico apresentaram níveis significativamente elevados de estresse e Transtornos Mentais Comuns [TMC] (*e.g.*, depressão e ansiedade). Os achados sugerem um impacto psicológico negativo da pandemia nos estudantes.

Nesse ínterim, os TMC são determinados por sintomas de depressão não psicótica, ansiedade e sintomas somatoformes (*i.e.*, sintomas físicos associados a fatores psicológicos), em intensidade suficiente para interferir em atividades diárias (SOARES; MEUCCI, 2020). Em relação à prevalência, os TMC na população se mostraram uma característica mundial, variando de 14,7% a 21,8%, sendo sua ocorrência maior entre indivíduos do sexo feminino, em comparação ao masculino (STEEL et al., 2014).

A partir desse contexto, destaca-se que a saúde mental dos estudantes universitários, especialmente os da área da saúde (*e.g.*, Medicina, Farmácia, Psicologia e Enfermagem), sempre foi tida como um sério motivo de preocupação, pois ela se constitui como um fator de risco para outros agravos associados à saúde física, tendo em vista a natureza frequentemente estressante do âmbito acadêmico. Nesse sentido, há que se refletir sobre a carga horária extensa marcada por demandas acadêmicas com horas de dedicação não só aos estudos e avaliações, assim como os estágios e as tarefas extracurriculares, podendo levar ao desenvolvimento de TMC nesses acadêmicos (NOGUEIRA et al., 2021).

Nessa perspectiva, os acadêmicos da área da saúde ao longo do ER vivenciaram o sentimento de angústia e insegurança devido à incerteza sobre as mudanças na grade curricular, especialmente

relacionadas às aulas práticas e os estágios curriculares (RODRIGUES et al., 2020). Além disso, Teixeira et al. (2021) afirmaram que os estudantes universitários desta área especificamente, apresentam dificuldades em administrar as tarefas e sofreram com as altas cobranças dos docentes acerca do seu rendimento acadêmico, o que pode ocasionar sofrimento psíquico.

Quando se trata de estudantes da graduação de saúde, observam-se que as extensas cargas horárias, as altas intensidade e frequências de trabalho no período, como também os riscos ocupacionais dos estágios, podem gerar o possível surgimento de sinais de TMC (VAHEDIAN-AZIMI et al., 2020). Nessa direção, um estudo transversal realizado com acadêmicos da área da saúde de uma universidade da China objetivou investigar as condições da saúde mental da população universitária no período da pandemia (LIU et al., 2020). Os autores evidenciaram que 35,5% dos participantes apresentaram sintomas de depressão e 22,1% exibiram ansiedade. Do mesmo modo, Meo et al. (2020) constataram que graduandos da área da saúde demonstraram 23,5% de sintomas depressivos.

Pesquisadores sugerem que, no primeiro semestre letivo de 2020, os estudantes de graduação exibiram elevada prevalência de TMC (KHAN et al., 2022; HUCKINS et al., 2020; DOMINSKI; BRANDT, 2020). E isso pode ser explicado pelo aumento do sedentarismo, do uso de dispositivos eletrônicos, pela interrupção da socialização e pelo crescimento exponencial de notícias com maior percepção negativa associadas à pandemia (GUIMARÃES; MAUÉS, 2021).

Dessa forma, é relevante entender a prevalência de TMC e das implicações comportamentais dos estudantes universitários da área da saúde relacionadas aos indicadores de adaptação ao ER, uma vez que se pode fornecer dados que sustentem ações por meio das políticas públicas educacionais para o ensino superior, como também, para garantir o preparo do governo brasileiro em futuras pandemias (HUCKINS et al., 2020). Sendo assim, defende-se que as pesquisas empíricas são fundamentais para que novas ações sejam implementadas para o desenvolvimento de estratégias de promoção da saúde mental e de prevenção de TMC em futuros profissionais e integrantes do mercado de trabalho da área de saúde. Desse modo, este artigo objetivou avaliar a prevalência de transtornos mentais comuns em acadêmicos da área da saúde e os indicadores de adaptação ao ensino remoto durante a pandemia da COVID-19.

2. MÉTODO

2.1. Tipo de estudo

Trata-se de um estudo tipo *survey*, com caráter exploratório e descritivo.

2.2. Participantes

Participaram deste estudo 211 acadêmicos da área de saúde, de ambos os sexos, entre 18-44 anos de idade, sendo 149 ($M = 67,4$) participantes do sexo feminino, dos cursos de Enfermagem, Medicina, Farmácia, Educação Física, Psicologia, entre outros. Foram selecionados os participantes que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: (i) estar cursando graduação em instituições brasileiras, (ii) estar cursando graduação na área de saúde, (iii) ter idade igual ou maior a 18 anos e (iv) ter acesso à internet. Não foram incluídos no estudo estudantes que estavam afastados (trancamento do curso). A seleção dos participantes ocorreu por amostragem de conveniência e não probabilística. A coleta de dados foi realizada integralmente on-line, de modo que esses acadêmicos são pertencentes a diferentes IES públicas e privadas, de diversos estados brasileiros.

2.3. Instrumentos

Questionário sociodemográfico: elaborado pelos autores do estudo para avaliar o perfil social e demográfico da população estudada, como: idade, sexo, estado, curso e período do curso.

Questionário de adaptação ao isolamento social e ensino remoto (ER): elaborado pelos próprios autores do estudo, utilizado para avaliar a adesão ao isolamento, a percepção da necessidade do isolamento pelos participantes bem como alterações emocionais e comportamentais, e principais atividades dedicadas no isolamento. Em relação ao ER foi avaliado: adaptação, dificuldade, rendimento e substituição ao ensino presencial de forma satisfatória ou insatisfatória.

Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20): é um instrumento de rastreamento psiquiátrico originalmente proposto por Harding et al. (1980). A versão brasileira do SRQ-20 para rastreamento de transtornos mentais não-psicóticos, foi validada no Brasil por Williams em 1986 (SANTOS et al., 2010). Trata-se de um instrumento autoaplicável, composto de 20 questões mensuradas em escala dicotômica (sim/não), que possibilita rastrear indivíduos com TMC, sendo recomendado, como ponto de corte, sete ou mais respostas positivas para mulheres e cinco ou mais respostas positivas para homens (SOUSA et al., 2021).

2.4. Procedimentos

2.4.1. Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada entre dezembro de 2020 e fevereiro de 2021 em um ambiente virtual, sendo a pesquisa divulgada na rede social *Instagram*, em perfis de ligas acadêmicas e entidades estudantis cuja temática era a graduação e a vida universitária de cursos da área de saúde, e também via e-mail, direcionado às IES, por meio dos contatos institucionais. Este convite esclarecia sobre a pesquisa e solicitava a participação de discentes que estivessem cursando a graduação na área de saúde. Por meio do acesso ao *link* da pesquisa, via *Google Forms*, os prováveis participantes liam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Caso estivessem de acordo com as condições da pesquisa, os participantes informavam a devida formalização de anuência por meio eletrônico, sendo, por conseguinte, direcionados para uma página que continha os instrumentos deste estudo.

2.4.2 Aspectos éticos

A participação na pesquisa esteve condicionada a autorização por meio do TCLE. O sigilo dos participantes e os demais aspectos éticos foram garantidos e todo o estudo, inclusive a forma de aquisição dos dados, foi conduzido a partir das diretrizes e normas regulamentadas pela resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade do Estado do Pará (UEPA), e registrado com o número CAAE 39463920.0.0000.5174.

2.4.3. Análise estatística

Para análise dos dados foi utilizado o *software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)* versão 25.0, onde foram obtidos resultados em frequência absoluta e relativa. O intervalo de confiança utilizado foi padronizado em 95% para apresentar significância estatística ($p < 0,05$).

Após a categorização dos escores do "Transtorno Mental Comum" (TMC), classificados em "Com transtorno mental comum" ou "Sem transtorno mental comum", foram utilizados o teste Exato de Fisher e o teste Qui-quadrado de Pearson para avaliar a distribuição dos dados das variáveis em

relação ao TMC. Ademais, foi realizado o *Odds Ratio* (OR) para avaliar as questões probabilísticas em relação ao TMC.

Para análise da idade em comparação com os escores do TMC, foi necessário verificar a distribuição da normalidade dos escores por meio do teste Kolmogorov-Smirnov com Correlação de Lilliefors. Com a não parametria das variáveis, foi utilizado o teste de correlação não paramétrico teste Tau-b de Kendall, com o intuito de avaliar a correlação dos escores em detrimento à idade.

3. RESULTADOS

3.1. Caracterização dos participantes

Na amostra de 221 participantes, percebeu-se que houve um predomínio de mulheres (67,4%) em relação aos homens (32,1%). A idade média dos participantes foi de 24,4 anos ($\pm 6,761$) e a maioria estudava em IES privadas (69,2%).

Em relação aos cursos, 42,5% da amostra consistiu em estudantes de Psicologia ($N = 94$), seguido de Medicina (15,8%) e Enfermagem (12,2%). Do total de estudantes, 14,9% encontravam-se no primeiro período; 18,1% no segundo; 18,1% no terceiro; 21,7% no quarto; 14% no quinto e; 13,1% no sexto.

Quanto à região de residência, houve a predominância de 61,5% de Sergipe; 9,5% do Rio de Janeiro; 5% do Rio Grande do Sul; 4,1% de São Paulo; 4,1% da Bahia; 2,7% de Alagoas e; 13,1% de outros estados.

A Tabela 1 demonstra a adesão ao isolamento, em que a maioria dos entrevistados estava em isolamento parcial (57%) e percebeu algumas alterações emocionais e comportamentais (85,5%).

Tabela 1. Adesão ao Isolamento Social e Ensino Remoto.

Questionamentos a respeito do isolamento e ensino remoto	N (%)
<i>Situação de isolamento social</i>	
Não	2 (0,9)
Parcial	126 (57)
Total	93 (42,1)
<i>Isolamento social é necessário?</i>	
Não	9 (4,1)
Sim	212 (95,9)
<i>Percebeu algumas alterações emocionais e comportamentais?</i>	
Não	32 (14,5)
Sim	189 (85,5)
<i>Você se adaptou ao ensino remoto?</i>	
Estou me adaptando	98 (44,3)
Não penso nisso	30 (13,6)
Tenho dificuldades	93 (42,1)
<i>Você tem dificuldades de estudar durante o isolamento?</i>	
Não	61 (27,6)
Sim	160 (72,4)

<i>O ensino remoto substitui as atividades presenciais?</i>	
Insuficiente	123 (55,7)
Não sei dizer	4 (1,8)
Não substitui	73 (33)
Satisfatoriamente	21 (9,5)
<i>Qual a maior dificuldade do ensino remoto?</i>	
A qualidade das aulas	71 (32,1)
Administração do tempo	90 (40,7)
Não tenho dificuldades	22 (10)
Os insumos tecnológicos	38 (17,2)
<i>Qual seu rendimento durante o ensino remoto?</i>	
Bom	80 (36,2)
Ruim	141 (63,8)
<i>Atividades que você tem mais se dedicado no isolamento</i>	
Atividades de cunho social e filantrópico de combate ao COVID-19	5 (2,3)
Atividades físicas e culturais	131 (59,3)
Estudos e trabalhos de ordem acadêmica e profissional	137 (62)
Tarefas domésticas	111 (50,2)
Cuidar de parentes idosos no contexto de isolamento social	11 (5)

3.2. Avaliação para rastreamento de transtornos mentais comuns

De acordo com os resultados do SRQ-20, a prevalência de indivíduos com indícios de sofrimento mental foi de 66,5% e o sexo com maior prevalência de TMC foi o feminino com 78,1% ($OR= 3,970$; $p<0,001$) (Tabela 2).

Tabela 2. Relação Entre Transtornos Mentais Comuns e Variável Sexo.

Sexo	TMC		Total	p ^a	Odds Ratio (IC ^b 95%)
	Com TMC	Sem TMC			
Feminino	114 (78,1)	35 (47,3)	149 (67,7)	<0,001	3,970 (2,175 – 7,245)
Masculino	32 (21,9)	39 (52,7)	71 (32,3)		
Total	146 (66,4)	74 (33,6)	220 (100)		

Nota. a – Teste Exato de Fisher; b – Intervalo de Confiança.

O estudo revelou que 41,8% dos acadêmicos de saúde possuem dificuldades em relação a adaptação ao ER, dentre eles a maioria do sexo feminino. Em relação ao gênero, em termos absolutos houve maior adaptação ao ER das mulheres, porém houve maior adaptação relativa dos homens ($p = 0,169$) (Tabela 3).

Constatou-se que os estudantes que apresentavam adaptação (estou me adaptando) apresentaram menor tendência a TMC ($p < 0.001$) em comparação aos que possuíam maiores dificuldades. Dos respondentes, ($N = 92$) referiram ter dificuldades (tenho dificuldades), destes ($N = 73$) possuem tendência a TMC (Tabela 4). Ainda, o curso com maior prevalência de TMC foi o de Psicologia com 45,9% ($OR = 1,476$; $p = 0,197$) seguido por Medicina com 15,8% ($OR = 1,071$; $p = 1$), Enfermagem com 11% ($OR = 0,705$; $p = 0,395$), Educação Física com 6,8 ($OR = 0,380$; $p = 0,034$) e Farmácia com 5,5 ($OR = 0,800$; $p = 0,765$), respectivamente (Tabela 5).

Tabela 3. Relação entre Adaptação ao Ensino Remoto e Variável Sexo.

Adaptação ao ER	Sexo		Total	p ^a
	Feminino	Masculino		
Estou me adaptando	64 (43)	34 (47,9)	98 (44,5)	
Não penso nisso	17 (11,4)	13 (18,3)	30 (13,6)	0,169
Tenho dificuldades	68 (45,6)	24 (33,8)	92 (41,8)	

Nota. a – Teste Qui-quadrado de Pearson.

Tabela 4. Relação entre Adaptação ao Ensino Remoto e Transtornos Mentais Comuns.

Adaptação ao ER	TMC		Total	p ^a
	Com TMC	Sem TMC		
Estou me adaptando	51 (34,9)	47 (63,5)	98 (44,5)	
Não penso nisso	22 (15,1)	8 (10,8)	30 (13,6)	<0,001
Tenho dificuldades	73 (50)	19 (25,7)	92 (41,8)	

Nota. a – Teste Qui-quadrado de Pearson.

Tabela 5. Prevalência de Transtornos Mentais Comuns nos Cursos.

Curso	TMC		Total	p ^a	Odds Ratio (IC ^b 95%)
	Com TMC	Sem TMC			
Psicologia	67 (45,9)	27 (36,5)	94 (42,7)	0,197	1,476 (0,8311 – 2,622)
Educação Física	10 (6,8)	12 (16,2)	22 (10)	0,034	0,380 (0,156 – 0,926)
Enfermagem	16 (11)	11 (14,9)	27 (12,3)	0,395	0,705 (0,309 – 1,608)
Farmácia	8 (5,5)	5 (6,8)	13 (5,9)	0,765	0,800 (0,252 – 2,537)
Medicina	23 (15,8)	11 (14,9)	34 (15,5)	1,000	1,071 (0,491 – 2,336)
Outro	22 (15,1)	8 (10,8)	30 (13,6)	0,533	1,464 (0,618 – 3,468)
Total	146 (66,4)	74 (33,6)	220 (100)	-	-

Nota. a – Teste Exato de Fisher; b – Intervalo de Confiança.

4. DISCUSSÃO

Através dos resultados, evidenciaram-se um real impacto da pandemia da COVID-19 na saúde mental dos acadêmicos da área de saúde. Nesse sentido, observou-se que os estudantes de Psicologia e Medicina apresentaram maiores níveis de TMC em comparativo com os alunos das outras áreas (Tabela 5). Estes achados são apoiados pelo estudo Chang et al. (2020) que afirmaram que os sintomas de TMC podem ser potencializados pela pandemia em muitos universitários que têm a formação destinada a atividades profissionais na saúde física e mental.

Além disso, acrescenta-se que os estudantes universitários, em particular os do curso de Medicina, compõem um grupo vulnerável ao adoecimento mental (TEIXEIRA et al., 2021). Por isso, a elevada prevalência de TMC é resultante de vários fatores, como a exposição a uma carga horária extenuante, ao estresse crônico, às cobranças pessoais e externas, e à hostilidade de docentes e, inclusive, de discentes, que parecem colaborar com a vulnerabilidade dos alunos de tal modo que possa haver o desenvolvimento de TMC.

Sobre os graduandos de Psicologia, Andrade et al. (2016) alertam que estes estudantes estão em constante contato com o sofrimento psíquico de outros indivíduos e com conteúdo acadêmico

diretamente associado com a subjetividade humana. Os autores consideram que este contato pode não apenas induzir sofrimento mental no próprio aluno, assim como elevar as probabilidades de desenvolvimento de TMC. Diante do exposto e levando em consideração que no contexto pandêmico, em parte, os acadêmicos de Medicina e Psicologia podem ter os níveis de TMC exacerbados pela influência de alguns fatores de risco, por exemplo, o medo de contágio da COVID-19, medo de perder entes queridos, medo do isolamento e medo da solidão, como também as muitas barreiras e dificuldades percebidas no processo de adaptação ao ER (ZHAI; DU, 2020).

Nessa direção, a ocorrência de TMC em mulheres estudantes universitárias encontra-se significativamente maior do que a taxa verificada para homens (Tabela 2), e isso gera nelas maiores dificuldades na adaptação ao ER (Tabela 4). Concordando com o exposto, Steel et al. (2014) evidenciaram uma ocorrência maior de TMC entre acadêmicas do sexo feminino, em comparativo ao masculino, visto que as mulheres estudantes partilham suas atividades acadêmicas com inúmeras outras funções em casa, como a dedicação aos cuidados com filhos ou irmãos pequenos, afazeres pessoais, deveres domésticos e profissionais para aquelas que já se encontram atuantes no mercado de trabalho. Constatou-se, ainda, que em geral, os acadêmicos que melhor se adaptaram ao ER exibiram baixos níveis de TMC (Tabela 4).

Por outro lado, na generalidade, observa-se uma alta prevalência de alterações emocionais e comportamentais entre os acadêmicos relacionadas às dificuldades durante o processo de adaptação ao ER (Tabela 1). Nesse sentido, a literatura vem corroborando este dado: segundo Camacho et al. (2020) as dificuldades na adaptação ao ER podem estar associadas ao fato que muitos estudantes universitários não receberam o apoio educacional necessário das IES, uma vez que a capacitação destes indivíduos se torna essencial para acompanhar as atividades remotas. Por outro lado, os autores salientam que o despreparo desses alunos reflete diretamente em sua habilidade de organização e planejamento, afetando assim a capacidade de administração de tempo, o que pode trazer prejuízos de ordem emocional (*e.g.*, sentimentos de angústia e baixa motivação em acompanhar os conteúdos administrados pelos docentes nas salas virtuais) e comportamental (*e.g.*, falta de interesse de realizar as tarefas acadêmicas). Em complemento, Enumo et al. (2020) apontaram que o estresse gerado pela COVID-19 pode levar a alterações comportamentais e cognitivas, como mudanças de hábitos de estudo, acúmulo de afazeres, perda de memória e dificuldades em se concentrar e tomar decisões.

Não obstante, entende-se que as limitações no aprendizado durante a pandemia, perpassa as repercussões psicológicas negativas como ansiedade e depressão relacionadas ao IS. Visto que, os participantes apontaram que fatores como administração de tempo, qualidade das aulas e a falta de acesso à insumos tecnológicos por parte de alguns acadêmicos em situação de vulnerabilidade socioeconômica, também podem influenciar no processo de adaptação ao ER (Tabela 1). Ilustrando esse cenário, alguns estudos alertam para a necessidade de computadores e celulares com uma boa conexão à internet para que seja possível a operacionalização do ER. Sendo assim, aqueles que não possuem estes aparelhos tecnológicos necessários, o que pode evidenciar assim dificuldades para acompanhar as aulas remotas e a falta de recursos públicos destinados às tecnologias digitais para alunos das universidades federais/estaduais. Por estas razões, essa realidade acentua e vem acentuando ainda mais as desigualdades sociais já existentes em território nacional (CAMACHO et al., 2020; GUIMARÃES; MAUÉS, 2021).

Tendo em vista as considerações acima, ressaltamos a importância do diálogo entre representantes do governo federal e os gestores das IES públicas, buscando-se o planejamento de ações para a destinação de maiores verbas públicas e recursos governamentais as universidades, o que pode fornecer um acesso mais democráticos das tecnologias digitais (*e.g.*, *smartphone* e *notebooks* para acompanhar as aulas remotas) aqueles alunos em vulnerabilidade socioeconômica, o que consequentemente oportunizará a construção de uma verdadeira democracia digital na Educação Superior em crise tempos de crise deflagrada pela pandemia de COVID-19 (CAMACHO et al., 2020).

Vale ressaltar que grande parte dos participantes frequentavam IES privadas, e também reportaram apresentar dificuldades de adaptação ao ER. À vista disso, Barreto e Rocha (2020) alertam que os alunos da rede particular de Ensino Superior enfrentam dificuldades em se adaptar a mudança das aulas presenciais para remotas, uma vez que eles relatam se esforçar para ficar muito tempo olhando para telas, pois eles facilmente perdem o foco e a internet é muito instável e nem sempre de boa qualidade. Além disso, é possível observar, através dos resultados do presente estudo, que os acadêmicos da área da saúde que reportaram ter dedicação aos estudos e trabalhos de ordem acadêmica e profissional no decorrer deste período da COVID-19, apresentaram dificuldades em conciliar estas funções e concomitantemente, acompanhar as aulas remotas (Tabela 1).

Sobre isso, Barreto e Rocha (2020) destacam que no formato de ER, o acadêmico tem pouco espaço para participar do processo de aprendizagem, o que acaba não instigando o seu senso crítico, gerando assim, dificuldades no acompanhamento dos conteúdos ministrados pelos professores e um *déficit* na qualidade das aulas e no aprendizado. Pode-se mencionar, como exemplo, um levantamento realizado junto aos discentes do Curso de Medicina pela Academia Nacional de Medicina [ANM] (2020) evidenciou que 80% dos participantes relataram aprender mais com aulas presenciais. Ainda, a ANM comenta que o processo de aprendizado é afetado pela falta da qualidade das aulas durante o ER e a ausência das atividades práticas que são essenciais para a formação médica.

Por fim, entende-se neste estudo que a pandemia gerou mudanças obrigatórias de rotina dos acadêmicos da área de saúde, ocasionando profundas alterações e impactos na saúde mental destes indivíduos. Todos esses fatores oportunizam o surgimento de sintomas de TMC nestes estudantes em fase de formação profissional submetidos a um período de crise acompanhado de bruscas mudanças nas suas rotinas cotidianas. Portanto, pode-se inferir que as discussões apresentadas reforçam a necessidade da implementação rápida e estendida de projetos e ações voltadas para promoção de saúde mental em acadêmicos da área da saúde.

5. CONCLUSÃO

O objetivo deste artigo foi avaliar a prevalência de TMC em acadêmicos da área da saúde e os indicadores de adaptação ao ensino remoto durante a pandemia da COVID-19. Nesse sentido, é possível inferir que os acadêmicos da área da saúde podem apresentar maior propensão a terem TMC no processo de adaptação ao ER, sobretudo aqueles dos campos da Medicina e Psicologia encontram-se suscetíveis a riscos de apresentar sofrimento mental associado a uma maior dificuldade de adaptação ao ER.

Ao consultarmos a literatura nacional, revisando minuciosamente, dentre os cursos da área da saúde, notou-se que há poucos estudos empíricos direcionados a graduandos de Psicologia, fato este que denota a relevância do cuidado com o indivíduo que atua diretamente com saúde mental. Por outro

lado, pesquisas desenvolvidas com os estudantes de Medicina encontra-se em maior preponderância dentre as produções científicas brasileiras.

Dito isto, os achados obtidos evidenciaram a necessidade de intervenções em prol do acadêmico de Psicologia e de Medicina, ao poder possibilitar a instrumentalização dele para lidar melhor com situações estressantes que requerem adaptações ao longo de sua formação, promovendo uma melhor saúde mental e preparando-o para a sua futura atuação profissional.

Reforça-se a necessidade de estudar o impacto da variável sexo em relação aos TMC, uma vez que as mulheres universitárias apresentaram maior vulnerabilidade em exibirem sintomas indicativos de TMC. Além disso, observou-se que os acadêmicos que melhor se adaptaram ao ER apresentaram baixos níveis de TMC.

No que tange às limitações deste estudo, destaca-se o recurso a uma amostra de conveniência, como também a adoção de um procedimento de coleta não presencial (os participantes responderam aos instrumentos por meio de um aplicativo de formulários on-line), o que em alguns casos poderia ter dificultado o esclarecimento de eventuais dúvidas. Além disso, destaca-se o fato de a amostra ter sido não probabilística e composta apenas por acadêmicos, o que necessita cautela no que tange a generalização dos achados. Sugere-se que, estudos futuros utilizem amostras comunitárias em suas investigações.

Para finalizar, o presente estudo forneceu um contributo válido para uma melhor compreensão dos fatores que influenciam a prevalência de TMC e os indicadores de adaptação ao ER. Contudo, é necessário que os/as pesquisadores/as interessados/as ampliem estas evidências dando prosseguimento a esta investigação, visto que podem proporcionar um melhor entendimento acerca da temática através de pesquisas empíricas de natureza longitudinal.

6. REFERÊNCIAS

ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA (ANM). **Impactos da covid-19 no ensino de graduação em medicina**. Disponível em <https://www.anm.org.br/impactos-da-covid-19-no-ensino-de-graduacao-em-medicina/>. Acesso em 15 de jan de 2022.

ANDRADE, Antonio dos Santos. Vivências Acadêmicas e Sofrimento Psíquico de Estudantes de Psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 36, n. 4, p. 831–846, out./dez. 2016.

BARRETO, Andreia Cristina Freitas; ROCHA, Daniele Santos. Covid 19 e educação: resistências, desafios e (im)possibilidades. **Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade**, Bahia, v. 2, n. 1, p. 1-10, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Centro de Operações de Emergências em Saúde Pública. Centro de Operações de Emergência em Saúde Pública para Infecção Humana pelo Novo Coronavírus (COE-nCoV). **Especial: doença pelo Coronavírus 2019**. Boletim Epidemiológico. Brasília, DF, 2020. Disponível em <https://www.saude.gov.br/images/pdf/2020/April/06/2020-04-06-BE7-Boletim-Especial-do-COE-Atualizacao-da-Avaliacao-de-Risco.pdf>. Acesso em 15 de jan de 2022.

CAMACHO, Alessandra Conceição Leite Funchal. Alunos em vulnerabilidade social em disciplinas de educação à distância em tempos de COVID-19. **Research, Society and Development**, São Paulo, v. 9, n. 7, p. 1–12, maio 2020.

CHANG, Jinghui; YUAN, Yuxin; WANG, Dong. Mental health status and its influencing factors among college students during the epidemic of COVID-19. **Journal of Southern Medical University**, China, v. 40, n. 2, p. 171–176, fev 2020.

DOMINSKI, Fábio Hech; BRANDT, Ricardo. Do the benefits of exercise in indoor and outdoor environments during the COVID-19 pandemic outweigh the risks of infection? **Sport Sciences for Health**, Italia, v. 16, n. 3, p. 583–588, jul 2020.

ENUMO, Sônia Regina Fiorim et al. Enfrentando o estresse em tempos de pandemia: proposição de uma Cartilha. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 37, n. 1, p. 1–10, maio 2020.

GUIMARÃES, André Rodrigues; MAUÉS, Olgaíses Cabral. Ensino remoto na educação superior pública: posições do movimento sindical docente no contexto da pandemia de Covid-19. **RTPS - Revista Trabalho**, Política e Sociedade, Rio de Janeiro, v. 6, n. 10, p. 155–174, jun 2021.

GUNDIM, Vivian Andrade. Saúde Mental de Estudantes Universitários Durante a Pandemia de COVID-19. **Revista Baiana de Enfermagem**, Bahia, v. 35, n. 1, p. 1–14, nov 2021.

Harding, T. W. Mental disorders in primary health care: a study of their frequency and diagnosis in four developing countries. **Psychological Medicine**, Inglaterra, v. 10, n. 2, p. 231–241, maio 1980.

HUCKINS, Jeremy et al. Mental Health and Behavior of College Students During the Early Phases of the COVID-19 Pandemic: Longitudinal Smartphone and Ecological Momentary Assessment Study. **J Med Internet Res**, v. 22, n. 6, jun 2020.

KHAN, Kiran Shafiq et al. The Mental Health Impact of the COVID-19 Pandemic Across Different Cohorts. **International Journal of Mental Health and Addiction**, v. 20, n. 1, p. 380–386, 2022.

LIU, Jia et al. Online Mental Health Survey in a Medical College in China During the COVID-19 Outbreak. **Frontiers in Psychiatry**, n. 11, n. 1, p. 1–6, maio 2020.

MAIA, Berta Rodrigues; DIAS, Paulo César. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 37, n.1, p. 1–8, 2020.

MEO, Sultan Ayoub. COVID-19 Pandemic: Impact of Quarantine on Medical Students' Mental Wellbeing and Learning Behaviors. **Pakistan Journal of Medical Sciences**, Paquistão, v. 36, n. 4, p. 43–48, maio 2020.

NETA, Adelaide de Sousa Oliveira; NASCIMENTO, Romária de Menezes do; FALCÃO, Giovana Maria Belém. A Educação dos Estudantes com Deficiência em Tempos de Pandemia de Covid-19. **Interacções**, Portugal, v. 16, n. 54, p. 25–48, dez 2020.

NOGUEIRA, Érika Guimarães et al. Avaliação dos níveis de ansiedade e seus fatores associados em estudantes internos de Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 45, n. 1, p. 1–9, jan 2021.

NUNES, Renata Cristina. Um olhar sobre a evasão de estudantes universitários durante os estudos remotos provocados pela pandemia do COVID-19. **Research, Society and Development**, São Paulo, n. 10, p. 3, p. 1–13, mar 2021.

PEREIRA, Mara Dantas et al. A pandemia de COVID-19, o isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de enfrentamento: uma revisão integrativa. **Research, Society and**

Development, São Paulo, v. 9, p. 7, 1–31, jun 2020.

RODRIGUES, Bráulio Brandão et al. Aprendendo com o Imprevisível: Saúde Mental dos Universitários e Educação Médica na Pandemia de Covid-19. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 44, n. 1, p. 1–5, out 2020.

SANTOS, Kionna Oliveira Bernardes et al. Avaliação de um instrumento de mensuração de morbidade psíquica: estudo de validação do self-reporting questionnaire (SRQ-20). **Revista Baiana de Saúde Pública**, Bahia, v. 34, n. 3, p. 544–560, jul./set. 2020.

SCHMIDT, Beatriz et al. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 37, n. 1, p. 1–13, abr 2020.

SILVA, Joselma; GOULART, Ilsa do Carmo Vieira; CABRAL, Giovanna Rodrigues. Ensino remoto na educação superior: impactos na formação inicial docente. **Revista Ibero-Americana de Estudos Em Educação**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 407–423, fev 2021.

SOARES, Pedro San Martin; MEUCCI, Rodrigo Dalke. Epidemiologia dos Transtornos Mentais Comuns entre mulheres na zona rural de Rio Grande, RS, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 8, p. 3087–3095, ago 2020.

SOUSA, Camila Carvalho de. Insatisfação com o trabalho, aspectos psicossociais, satisfação pessoal e saúde mental de trabalhadores e trabalhadoras da saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 7, p. 1–15, jul 2021.

STEEL, Zachary. The global prevalence of common mental disorders: a systematic review and meta-analysis 1980–2013. **International Journal of Epidemiology**, v. 43, n. 2, p. 476–493, abr 2014.

TEIXEIRA, Larissa de Araújo Correia et al. Saúde mental dos estudantes de Medicina do Brasil durante a pandemia da *coronavirus disease* 2019. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 70, n. 1, p. 21–29, jan./mar. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Weekly operational update on COVID-19** - 16 August 2021. Disponível em <https://www.who.int/publications/m/item/weekly-operational-update-on-covid-19---16-august-2021>. Acesso em 20 de ago de 2021.

VAHEDIAN-AZIMI, Amir. Comparison of the severity of psychological distress among four groups of an Iranian population regarding COVID-19 pandemic. **BMC Psychiatry**, v 20, n. 1, p. 1–7, ago 2020.

VALENTE, Geilsa Soraia Cavalcanti. O ensino remoto frente às exigências do contexto de pandemia: Reflexões sobre a prática docente. **Research, Society and Development**, Brasília, v. 9, n. 9, p. 1–13, set 2020.

Zhai, Yusen; DU, Xue. Mental health care for international Chinese students affected by the COVID-19 outbreak. **The Lancet Psychiatry**, Inglaterra, v. 7, n. 4, p. e22, abr 2020.

Submissão: 22/04/2022

Aceito: 24/05/2022